

A LÍNGUA PORTUGUESA E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

“Para escrever bem é preciso uma facilidade natural e uma dificuldade adquirida”

Louis Jouvét

Abstract

*Language in children and adolescent literature books must be innovating. It must also be linguistically correct and adequate, as this is important to the age under consideration. All potentiality of the Portuguese Language, taken thoroughly, must be its used without fear, prejudice or limitations. The word must be **raison d'être** and main aim.*

Palavras-chave: *Língua Portuguesa, Leitura, Expressividade*

Para muitos, a linguagem de se escrever para crianças e jovens deveria ter registro culto, com concordâncias e regências gramaticalmente corretas e vocabulário esmerado. O objetivo de tal perfil lingüístico proporcionaria também aos leitores condições de aprimoramento da Língua Portuguesa.

Não nos incluímos nessa categoria, razão pela qual temos algumas idéias diferentes sobre como pode(m) ser verdadeiramente interessante(s) a(s) linguagem(ns) usadas nos livros infanto-juvenis.

Quando se pensa em Literatura Infanto-Juvenil, se pensa fundamentalmente na história do livro, no seu conteúdo. Quase sempre deixa-se em segundo plano a linguagem. Não nos esqueçamos, porém, da relação intrínseca em que vivem história e linguagem num texto, destinado a qualquer tipo de público, motivo suficiente para que estivessem no mesmo nível.

Recuando na história, observamos que inicialmente havia cuidadosas traduções para que as crianças se mirassem em modelos lingüísticos tradicionais, passando a copiá-los na modalidade escrita e, sempre que possível, na oral.

Os autores brasileiros da época demonstravam idêntica preocupação em seus textos.

Monteiro Lobato provocou uma verdadeira revolução na literatura infantil não só em termos de

conteúdo - pela sua intensa brasilidade - como pela linguagem original e criativa, eminentemente coloquial, repleta de gírias, brasileirismos, construções compactadas, com particular ênfase nos neologismos, muitos dos quais antológicos. Isto, é bom lembrar, em 1921, por ocasião de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, depois *Reinações de Narizinho*.

Para combinar com todas as tendências em se tratando de conteúdos na Literatura Infanto-Juvenil contemporânea, só vemos um caminho: que a linguagem seja inovadora, reflexo do seu tempo, totalmente divorciada dos *inhos* que menosprezam a inteligência da criança e do purismo exacerbado que revela uma realidade distorcida.

Pensamos que o autor de talento, ou porque conhece a fundo o sistema lingüístico ou porque se apóia em sua sensibilidade e intuição ou ainda pela soma de ambos, deveria expressar-se através de todos os recursos que a língua oferece, sejam eles fônicos, como onomatopéias, aliteraões e motivações sonoras; morfo-lexicais, como formação de palavras; léxico-semânticos, como polissemia, decodificações, caracterizações e sintáticos, como inversões, concordâncias e repetições. Nada, entretanto, artificial ou gratuito.

Acreditamos nessa mistura saudável, trazendo “oxigenação” à Língua Portuguesa. Longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, a manipulação lingüística exercida com mestria dará feição nova à Língua, ressaltando seu potencial expressivo. Assim, são bem-vindos os neologismos (morfológicos e semânticos), as gírias, os brasileirismos, as construções abreviadas misturadas às elaboradas e até vocábulos eruditos, numa operação equilibrada que encaixasse, como num grande quebra-cabeça, fenômenos lingüísticos aparentemente tão diversos.

Muitas pessoas ainda não se deram conta - por preconceito ou ignorância - de que a Literatura Infanto-Juvenil Brasileira não é um gênero menor, vazio de conteúdo e expressão, destinado ao passatempo inconseqüente de crianças e jovens. Trata-se de uma literatura com objetivos, funções e temáticas próprias no panorama cultural contemporâneo com identidade estabelecida que forma indivíduos críticos e atuantes - cidadãos.

Através da linguagem a literatura se concretiza e a palavra é o instrumento de que se utiliza o escritor para transmitir seu pensamento. Manipulá-la criativamente, mas com clareza e eficiência é o desafio proposto, pois hermetismo não traduz qualidade nem consistência.

Qualquer erro de avaliação pode-se transformar em desastre, o que acontece com grande parte da produção destinada ao público infante-juvenil: ou há subestimação do destinatário (o leitor), dando material envolto numa linguagem pueril ou há superestimação através de um falso aparato retórico. Ambas têm resultados negativos, afastando o público ao invés de cativá-lo.

A linguagem se produz de modo integral como função para ser apreendida, nela intervindo três estruturas: a fonológica, a semântica e a morfossintática, ocorrendo tanto na criança quanto no adulto. A diferença prende-se aos modelos que se geram, que não são, como muitos pensam, um inferior ao outro, mas diferentes.

Devem ser atraídos pela linguagem no que esta possa apresentar de lúdico ou poético através do trocadilho inteligente, da paródia, do *nonsense*, dos fenômenos da polissemia e da homonímia, (re)discutindo o provisório da significação e conhecendo alternativas de usar a Língua Portuguesa de forma plena, sem peias nem limitações a normas que reduzem e simplificam o fazer lingüístico.

A língua somente cumpre sua função se atinge um grande número de indivíduos que apreendem sem ambigüidades as mensagens por ela concatenadas, revelando-se perfeito instrumento de comunicação. Além desse objetivo prioritário, funcional, também poderá tornar-se expressiva, com função estética, proporcionando as mais agradáveis e genuínas sensações aos que a escutam, escrevem ou lêem.

Os autores que se encaixam no perfil delineado são verdadeiros artífices da palavra, trabalhando-a artesanalmente, garimpando nas possibilidades lingüísticas, aquelas que vão instaurar o toque mágico que abrirá corações e mentes. Apresentam domínio das estruturas de seu idioma, revelando escolhas expressivas o bastante para que encantem e “aliciem” com elegância e sutileza, sem perder de vista jamais a clareza e a objetividade. Buscam renovação constante, dinamizando a língua, explorando-lhe ao máximo as potencialidades, as suas diversas realizações, no nível gramatical e das idéias, não se prendendo ao convencional, apenas reavaliando-o, reaproveitando-o ou, a partir dele, apresentando novas propostas.

É falsa a afirmação de que crianças e jovens não se interessam pela boa “escritura”, acostumados que estão ao discurso vazio e redundante. Não gostam é da retórica empolada, num fundo recheado de regras que nada lhes dizem.

A crítica parece inevitável: ou as pessoas se posicionam a favor de uma língua culta que sirva de modelo ao “falar e escrever bem” ou são de opinião de que se acompanhem os novos tempos, deixando à vontade as crianças e jovens para escolherem o

caminho que melhor lhes aprouver em relação à língua materna.

Pensamos que o registro dos textos em questão deve ter o tom da conversa natural e relaxada, mas capaz de altos vãos de inventiva idiomática, aproveitando-se de todos os recursos lingüísticos disponíveis. O autor/escritor optará pelo tratamento adequado, equilibrando-os harmoniosamente. Sua intuição e natural pendor artístico dirigirão o texto para a (re)criação lingüística, para um maior rigor gramatical, ambas as tendências ou qualquer outra solução.

Através de um prisma particular, utiliza-se das regras, das normas nas quais a língua repousa, criando, não no sentido de inovar por inovar, às vezes, sacrificando uma estrutura equilibrada e eficiente. Rege-o o bom senso para revitalizar quando for possível - e necessário - posturas lingüísticas desgastadas, apoiando-se na qualidade literária do texto.

A gramática de uma língua é concretizada funcional e esteticamente através de textos com tendências e tipos os mais diversos em se tratando de linguagem. A qualidade e a excelência do material não passa pelo critério só do popular, do erudito, do fácil, do difícil, do inovador ou do tradicional. Podemos - e devemos - ser vários em um.

Acreditamos que só através do exemplo conseguimos “convencer”. Pretendemos fazê-lo, mostrando fragmentos de obras que nos parecem perfeitas para confirmar nossas idéias.

Voltando ao mestre precursor, Lobato encanta tanto por meio do lirismo manifestado por variadas formas de intensificação quanto pelo ludismo verbal. Ambos os processos, porém, impregnados do jeito “brasileiro” de escrever e de falar.

(1) “*Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos - os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços - todos, todos!... Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tortura da menina apertou e ela pôs-se a chorar.*”

(Reinações de Narizinho)

Sylvia Orthof estabelece com graça, leveza e consistência o caminho da neologia, estabelecendo intensa cumplicidade com o leitor.

(2) “Aí vem um guarda todo enfezado
E taca uma multa no motorista aboborado
E encabritado, que ainda grita,
Pulando dentro da abóbora-cabrita:
(...)”

(Uxa, Ora Fada, Ora Bruxa)

Com absoluto domínio da linguagem, Lygia Bojunga confere à sua narrativa um irrestrito tom coloquial, aproveitando todas as oportunidades de desdobramentos lingüísticos peculiares quanto à pontuação, morfossintaxe e seleção vocabular.

(3) “— Assim mesmo o quê?”

— Assim: não resolvida, feito você diz, descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?). Você sonhou pra mim uma vida toda bem feita, só que a tua idéia não deu certo e eu fiquei desse jeito. Mas por que que você precisa rasgar o que eu fiquei? Por que que você não pode me contar pros outros assim? desacetada, inacabada, esperando a luz que, um dia, vai se acender (ou não) em tudo que é pedaço que eu tenho de escuridão? puxa vida! Eu nasci pra viver num livro! livre! (você sabe tão bem quanto eu que não tem nada mais livre que um livro), já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!!

E hoje ela foi.”

(Fazendo Ana Paz)

Ruth Rocha, dentre outras características, trabalha o texto com possibilidades de questionamentos quanto ao léxico, aguçando a curiosidade do leitor para o fascinante mundo da significação das palavras e sua arbitrariedade.

(4) “Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é mulher do bolo? E bule? E belo? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim.”

(Marcelo, Marmelo, Martelo)

Ana Maria Machado usa o coloquial em construções, vocábulos, imagens inusitadas, descrições precisas com diferentes maneiras de caracterizar.

(5) “E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzadas

lhadas escondidas, Bisa Bia discutindo com Neta Beta e eu no meio, pra lá e pra cá. Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver.”

(Bisa Bia, Bisa Bel)

Mário Quintana, artífice da palavra, possibilita às crianças e aos jovens conhecê-lo através de poesias cujo recurso da metalinguagem trata da palavra e dos problemas da gramática e da linguagem.

(6) “De gramática e de linguagem”

(...)

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho

Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos

Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.

Ainda mais:

Eu sonho com um poema

Cujas palavras sumarentas escorram

Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,

Um poema que te mate de amor

Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...”

(Nariz de Vidro)

O crítico, ensaísta e poeta José Paulo Paes nos brinda com um texto incisivo, mas cheio de magia e beleza, revelando nuances do jogo verbal através de sons e formas que captam vividamente a palavra em transformação constante.

(7) “Raridade”

“A arara

é uma ave rara

pois o homem não pára

de ir ao mato caçá-la

para a pôr na sala

em cima de um poleiro

onde ela fica o dia inteiro

fazendo escarcéu

porque já não pode

voar pelo céu.

E se o homem não pára

de caçar a arara

hoje uma ave rara,

ou a arara some

ou então muda seu nome

para arrara”.

(Olha o Bicho)

No momento em que se lê com deleite, num exercício de pura fruição, conjugando-se a história ao modo de contá-la, consegue-se algo que talvez parecesse impossível: transformar a Língua Portuguesa, na percepção de tantos, enfadonha, difícil e pouco digerível nas suas regras e limites em instrumento de prazer e enriquecimento interior.

A Literatura Infanto-Juvenil contemporânea contribui decisivamente com muitas obras que resgatam essa língua materna tão estigmatizada, mostrando-a em toda pujança e beleza.

Para as crianças e os jovens que se iniciam nos caminhos da leitura e, por extensão, carecem de modelos concretos de manifestações lingüísticas desejáveis e sedutoras, longe dos exemplos nada atraentes dos compêndios escolares e livros assemelhados, os autores - e outros que não relacionamos por falta de espaço - mencionados são de inestimável valia, proporcionando a visão plena da língua, sob enfoque funcional ou estético. Vivenciam os fenômenos lingüísticos, aprimorando o senso artístico e a reflexão crítica numa atitude harmoniosa que conduz ao perfil desejado do indivíduo-cidadão.

Bibliografia

- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1947.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Naizinho*. 17ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1957.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.
- MARTINS, Nilce Sant' Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: EDUSP/ São Paulo.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- ORTHOFF, Sylvia. *Uxa, ora fada, ora bruxa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PAES, José Paulo. *Olha o bicho*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos na Literatura Infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 1980.
- _____. *Recursos lingüístico-expressivos da obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ (Faculdade de Letras), 1990.
- QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. 9ª ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.